



DISCURSO & SOCIEDADE

Copyright © 2018
ISSN 1887-4606
Vol. 12(3) 467-479
www.dissoc.org

Artigo

Discurso, memória e atualidade na análise de duas aforizações

*Discourse, memory and current issues in the
analysis of two aphorizations*

Edvania Gomes da Silva

Departamento de Estudos Linguísticos e Literários
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo

Neste artigo, analiso o funcionamento discursivo de dois enunciados que circulam/circularam em alguns campos discursivos, como o político, o educacional e o midiático, e que dizem respeito a questões prementes na sociedade brasileira. Trata-se, mais especificamente, de verificar de que forma a Análise do Discurso pode contribuir, em alguma medida, para explicação de questões sociais. O eixo central das discussões teórico-metodológicas centra-se nos trabalhos de Dominique Maingueneau, principalmente nos conceitos de aforização, percurso e polêmica. Os resultados indicam que as análises discursivas ajudam a explicar alguns aspectos das relações sócio-históricas, mas, para isso, é preciso estar atento ao funcionamento dos fatores linguístico-discursivos, para não reduzir e/ou apagar a importância de cada um desses aspectos.

Palavras-chave: Discurso. Aforização. Percurso. Memória.

Abstract

In this paper, I aim to analyze the discursive functioning of two statements that circulate/circulated in some discursive fields, such as political, educational and mediatic, and which concern pressing issues in Brazilian society. It is, more specifically, about verifying the Discourse Analysis could contribute, to some extent, to an explanation of social questions. The central axis of the theoretical-methodological discussions focuses on Dominique Maingueneau's works, mainly on the concepts of aphorization, spreading, and discursive polemic. The results indicate that the discursive analyzes helps to explain some aspects of socio-historical relations, but, for this, one must be attentive to the functioning of linguistic-discursive factors, not to reduce or erase the importance of each of these aspects.

Keywords: Discourse. Aphorization. Spreading. Memory.

Considerações iniciais

Neste artigo, analiso dois enunciados que circulam/circularam¹ em alguns campos discursivos², como o político, o educacional e o midiático, e que dizem respeito a questões prementes na sociedade brasileira. Trata-se, mais especificamente, de verificar de que forma a Análise do Discurso, por meio de alguns conceitos operacionais que lhe são caros, pode contribuir, em alguma medida, para análise de fenômenos que podem ser explicados por uma relação entre o linguístico, o enunciativo e o discursivo. Para tanto, recorro, principalmente, a três conceitos, o de aforização, o de percurso e o de polêmica discursiva, apresentados nos trabalhos de Dominique Maingueneau. Os resultados indicam que as análises discursivas, realizadas considerando tanto fatores de ordem linguística quanto fatores de ordem enunciativo-discursiva, podem sim contribuir para explicar alguns aspectos das relações sócio-históricas. Mas, para isso, é preciso estar atento ao funcionamento desses fatores para não reduzir e/ou apagar a importância de cada um deles.

Bela, recatada e do lar: análise de uma aforização

O primeiro enunciado que analiso aqui é parte do título de uma reportagem de *Veja*, publicada em 18 de abril de 2016, acerca da “quase primeira-dama” (expressão referencial usada na reportagem), Marcela Temer, esposa do, à época, vice-presidente da República, Michel Temer. Inclusive, um dado no mínimo curioso é que a matéria foi publicada mesmo antes do atual presidente da República, Michel Temer, ter assumido interinamente a presidência, o que só ocorreu no dia 12 de maio de 2016, ou seja, quase um mês após a publicação da referida reportagem³.

A questão começa a “ganhar corpo” quando a frase “Bela, recatada e do lar”, que, como dito acima, é parte do título da citada reportagem - o título completo é *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”* -, foi retomada em outras matérias, de outros veículos de comunicação, e também se espalhou rapidamente pela Internet (*Facebook*, *Blogs* etc.), sendo comentada, criticada, elogiada, parodiada, etc.

Neste trabalho, proponho analisar a frase “Bela, recatada e do lar” com base na noção de aforização, conforme proposta por Maingueneau (2010; 2014). De acordo com o referido autor, o conceito de aforização mantém relação com a noção de “já dito”, pois:

Toda aforização é uma enunciação segunda, do já-dito: o já-dito de uma aforização atestada, quando se trata de aforizações destacadas de um texto, ou o já-dito de

uma série aberta de enunciações anteriores ou virtuais, quando se trata de aforizações primárias (MAINGUENEAU, 2014, p. 33).

Além disso, seguindo ainda Maingueneau, verificamos que o enunciado “Bela, recatada e ‘do lar’” é uma “aforização atestada” (cf. MAINGUENEAU, 2014), pois o título foi “construído” com base em trechos do artigo, como é possível verificar nos excertos abaixo, que fazem parte da reportagem de *Veja*:

- (1) Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).

/.../

Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”, conta a estilista Martha Medeiros (VEJA.com, *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”*, 21/04/2016).

Em relação à beleza e ao suposto recato de Marcela Temer, a revista não assume a autoria do dito, pois aduz uma citação direta, na qual sua irmã atesta tanto o primeiro quanto o segundo predicados de Marcela. Já em relação ao terceiro predicado, segundo o qual Marcela Temer é “do lar”, vemos acima que o próprio enunciador *Veja*, em uma frase destacável, funciona como locutor e, portanto, responsável pela referida predicação. Vale salientar que foi justamente esta predicação o alvo das mais duras críticas nas redes sociais e nas matérias de outras revistas que retomaram a referida reportagem.

A frase “Marcela é uma vice-primeira-dama do lar” é destacável, porque aparece sozinha no período, é uma frase simples, sem coordenadas e/ou subordinadas a ela vinculadas, e é uma construção sintática com verbo copulativo (ser), o que reforça seu caráter *pregnante*. Além disso, o enunciado funciona como uma aforização porque não há justificatção, nem argumentação, nem espaço para contra-argumentações. A frase inicia um parágrafo e, depois dela, há um ponto. Tudo isso aponta para o que Maingueneau chama de aforização, pois o referido autor defende que, para ser uma aforização, o enunciado deve responder a alguns critérios, que são responsáveis pela mudança do *status* pragmático do enunciado aforizante, fazendo com que este se diferencie dos enunciados textualizantes, isto é, de enunciados que, devido à sua constituição, podem ser considerados como parte integrante de um texto. Ainda segundo Maingueneau, a característica básica de uma enunciação textualizante é que a instância subjetiva implicada por esse tipo de enunciação é, “com efeito, ‘descentrada”

(MAINGUENEAU, 2010, p. 13). Por outro lado, na enunciação aforizante, “não há posições correlativas, mas uma instância que fala a uma espécie de ‘auditório universal’ (Perelman), que não se reduz a um destinatário localmente especificado” (MAINGUENEAU 2010, p. 13). O resultado é que, na aforização, não há o estabelecimento de papéis e, portanto, não se pode falar em pontos-de-vista ou em enunciadores. É como se o próprio indivíduo falasse. Assim, “a aforização tem como efeito centrar a enunciação no locutor” (MAINGUENEAU 2010, p. 13). É exatamente o que acontece em relação à frase “Marcela é uma vice-primeira-dama do lar”. Trata-se de uma afirmação categórica, que não abre espaço para outros pontos-de-vista, mesmo quando aparece no corpo do texto, fazendo, ao menos aparentemente, parte dele. Isso mostra que ela é uma aforização, mesmo antes de ser destacada e separada para compor parte do título da reportagem.

A referida frase, entretanto, quando analisada na relação com o período subsequente, mostra-se como uma espécie de “conclusão antecipada” (perdoem o oximoro) do que é apresentado em seguida. Nesse caso, Marcela Temer é uma vice-presidente do lar, porque “seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também”. De acordo com essa possibilidade de interpretação, a aforização se integra à lógica do texto e funciona como uma espécie de rótulo prospectivo em relação ao que é dito em seguida.

Tudo isso mostra que a noção de aforização, aliada a outras questões de ordem enunciativo-discursiva, funciona como um conceito operacional bastante produtivo para a Análise do Discurso, pois contribui para que se possa verificar tanto o status do locutor, quanto a relação entre o enunciado aforizado e o texto no qual ele está inserido. Dessa forma, esse tipo de análise permite, como sugere Maingueneau (2005 [1984]), estabelecer uma cuidadosa articulação entre diferentes formas de entrada no *corpus*, pois todos os planos do discurso são considerados passíveis de análise, “não havendo mais lugar para uma oposição entre superfície e profundidade” (MAINGUENEAU, 2005 [1984], p. 22).

Além de contribuir com a análise discursiva do próprio texto de *Veja*, a noção de aforização também ajuda a compreender a forma como o enunciado “Bela, recatada e do lar” passou a circular em outros veículos de comunicação e isso diz muito acerca de como, por meio de uma relação entre memória e atualidade, algumas questões se tornaram (ou continuam a ser) prementes na sociedade. Vejamos três exemplos dessas diferentes formas de circulação do referido enunciado e de suas variantes:

- (2) Livre, respeitada e do bar - Pelo direito de ser E DE NÃO SER bela, recatada e do lar (Título e subtítulo de artigo de opinião, de autoria de Ruth Manus, publicado em: <http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs>, 20/04/2016);

(3) Reação a 'bela, recatada e do lar' mostra que machismo não tem mais passe livre (Título de matéria da Folha de S. Paulo, 20/04/2016);

(4) Bela, recatada e do lar: matéria da 'Veja' é tão 1792 (Título de matéria da revista Carta Capital, 20/04/2016).

No exemplo (2), o enunciado “livre, respeitada e do bar” é uma espécie de paródia de “bela, recada e do lar”, funcionando como uma subversão⁴ do enunciado de *Veja*. A memória remete agora aos movimentos feministas, que pregam que a mulher é livre para ser o que quiser. No artigo, cujo título e o subtítulo constituem o exemplo (2) acima citado, Ruth Manus começa afirmando que não vê nenhum problema nas mulheres que querem ser “bela, recatada e do lar”. A autora reforça seu argumento citando uma conhecida frase de Simone de Beauvoir (“que a liberdade seja a nossa própria substância”), o que, mais uma vez, retoma a memória dos movimentos feministas.

O subtítulo do artigo - *Pelo direito de ser E DE NÃO SER bela, recatada e do lar* – também reforça o discurso segundo o qual as mulheres têm o direito de ser o que quiserem, inclusive “do lar”. A expressão “E DE NÃO SER”, grafada em caixa alta, indica, contudo, que a tese defendida no artigo reforça muito mais o direito da mulher de ser “do bar”, o que pode funcionar como uma metonímia de “fora do lar”, do que “do lar”. Além disso, o destaque da caixa alta também indica o tom exacerbado e contestatório do texto, tom que aparece também no corpo do artigo, em outras aforizações, tais como: “Mulher bonita é a mulher que luta, meus queridos”; “Nós não vamos nos recolher”; e “Lugar de mulher é onde ela quiser”.

O exemplo (3) apresenta, entre aspas, a citação do enunciado de *Veja*, o que é mais um indício do funcionamento de uma memória, pois também remete ao que foi dito antes e alhures. Além da citação, há também um pré-construído, materializado na frase “o machismo não tem mais passe livre”. Nesse caso, o pré-construído, que é também um indício de memória, é o de que o machismo já teve passe livre.

O exemplo (4) também retoma a frase de *Veja*, só que, diferentemente do que ocorre no exemplo (3), o enunciado *bela, recatada e do lar* aparece sem aspas. Nesse caso, são os dois pontos e a expressão “matéria de *Veja*” que identificam o enunciado supracitado como sendo uma citação. A predicação “é tão 1972” também faz funcionar certa memória, agora ativada pela retomada do ano de 1972, o que, nesse contexto, é uma forma de dizer que a tese daquela matéria é retrógrada, ultrapassada e/ou antiquada. Trata-se, portanto, de uma maneira de se contrapor à matéria de *Veja*, já que, também segundo certa memória discursiva, as matérias de revistas que se enquadram na categoria “atualidades”, como é o caso da revista supracitada, devem ser, por princípio, atuais.

Pelo exposto, defendo que *bela, recatada e do lar*, que constitui parte do título de uma matéria publicada na/pela revista *Veja*, é um enunciado que pode ser analisado por meio do conceito de aforização, conforme apresentado por Maingueneau (2010; 2014). Mostrei também que tal conceito possibilita a análise do referido enunciado não só de um ponto de vista linguístico-enunciativo, mas

também, e principalmente, de um pondo de vista discursivo, pois revela uma relação entre memória e atualidade.

Escola sem partido: análise de um percurso

O segundo enunciado que analiso é a expressão “Escola sem partido”. Essa expressão dá nome a dois Projetos de Lei: i) um que tramitou no Senado Federal (PL 193/2016), de autoria do senador Magno Malta (PR-ES) e que foi arquivado por solicitação do próprio autor⁵; e ii) um anterior (PL 7180/2014), que tramita na Câmara dos Deputados, de autoria do deputado Erivelton Santana (PSC – BA), e que teve um parecer favorável do relator, o deputado Flavinho (PSB-SP)⁶. O referido PL “inclui entre os princípios do ensino o respeito às convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis, dando precedência aos valores de ordem familiar sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa” (In: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=606722>. Consultado em 3 de junho de 2018). Para termos uma ideia mais clara do objetivo do PL 193/2016, apresento, a seguir, seu inteiro teor:

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O art. 3º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte inciso XIII:

“Art. 3º.

XIII – respeito às convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis, tendo os valores de ordem familiar precedência sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa, vedada a transversalidade ou técnicas subliminares no ensino desses temas. (AC)

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Haveria muito a ser dito acerca do referido PL, mas, como o objetivo aqui é verificar o funcionamento da expressão “Escola sem partido”, vou me deter em sua análise. A partir do momento em que tais projetos, tanto o da Câmara quanto do Senado, passaram a ser discutidos e a circular em jornais, revistas e na mídia virtual (*blogs, facebook, etc.*), ficou conhecido como Projeto “Escola sem partido”, como podemos verificar nos seguintes enunciados:

(5) Escola sem obscurantismo (<http://twibbon.com/support/escola-sem-obscurantismo-2>, consultado em 20/07/2016);

(6) Por que é importante votar contra o Escola Sem Partido? (<http://andregravata.blogosfera.uol.com.br>, 19/07/2016);

(7) Projeto Escola Sem Partido é mais autoritário que currículo educacional da ditadura (<http://www.redebrasilatual.com.br>, consultado em 20/07/2016);

(8) #EscolaSemPartidoJá (<http://www.programaescolasempartido.org>, consultado em 20/07/2016); (<http://twibbon.com/support/escola-sem-obscurantismo-2>, consultado em 20/07/2016);

(9) Educação sem doutrinação (<http://www.escolasempartido.org>, consultado em 20/07/2016).

Todos fazem referência, direta ou indiretamente, à expressão “Escola sem partido”. Em relação ao que estamos chamando de referência indireta, destaco o caso do exemplo (5), “Escola sem obscurantismo”. Nesse caso, a referida expressão funciona como uma subversão ao enunciado “Escola sem partido”. Para tanto, o enunciador de “Escola sem obscurantismo” parte do pré-construído de que existe uma “Escola com obscurantismo”, a qual seria, para esse enunciador, uma paráfrase de “Escola sem partido”. Há, portanto, um jogo entre memória e atualidade, pois só é possível interpretar a atualidade do enunciado “Escola sem obscurantismo” se considerarmos uma memória, que se materializa no/pelo pré-construído, segundo a qual ser favorável à existência de uma escola sem partido, nos moldes do que é proposto no/pelo PL193/2016, é defender uma escola obscurantista. E que, portanto, ser contrário ao projeto “Escola sem partido” é defender uma “Escola sem obscurantismo”. Os exemplos (6) e (7) também revelam efeitos de sentido contrários ao discurso materializado no/pelo enunciado “Escola sem Partido”. No exemplo (6), há uma pergunta retórica que materializa um discurso segundo o qual “é importante votar contra o “Escola Sem Partido”. Já (7) retoma a memória da ditadura militar, que remete a efeitos de proibição, silenciamento, tortura, negação de direitos, ignorância e tantos outros ativados quando se faz qualquer referência a tal período da história do Brasil. Por outro lado, o exemplo (8) faz uso de uma *hashtag*, composta pelo símbolo cerquilha (#) seguido da expressão “EscolaSemPartidoJá”, para indicar um posicionamento favorável ao PL, mostrando, na própria *hashtag*, a suposta urgência na aprovação do referido PL, que se marca pelo advérbio “já”. O exemplo (9) foi colhido em uma página favorável ao PL (<http://www.escolasempartido.org>). Nesse caso, ocorre, no topo da página, como uma espécie de *slogan*, o enunciado “educação sem doutrinação”. Portanto, para esse enunciador, o PL “Escola sem partido” implica uma “educação sem doutrinação”. Tal doutrinação, segundo outro texto publicado na referida página, “consiste na imposição, pelo professor, de uma doutrina na qual ele acredita e para a qual deseja ganhar a adesão dos alunos” (FLORENCE, F. Ensinar X Doutrinar. In: <http://www.escolasempartido.org/artigos-top/614-ensinar-x-doutrinar>.

Consultado em 03/06/2018). Portanto, “doutrinação” encontra-se, nesse discurso, em relação de paráfrase com “imposição”.

Pelo exposto, defendo que uma das possibilidades de análise das diferentes formas de “desestruturação-reestruturação” (PÊCHEUX, 2008 [1983], p. 56) das redes e trajetos que constituem os efeitos de sentido da expressão “Escola sem partido” é explicar tal expressão com base na noção de percurso, conforme apresentada por Maingueneau (2006). Para esse autor, o *percurso* é um tipo de unidade não-tópica, pois não depende de fronteiras pré-estabelecidas, é construído pelos pesquisadores, e se constitui pelo estabelecimento de “redes de unidades de diversas ordens (lexicais, proposicionais, fragmentos de textos) extraídas do interdiscurso, sem procurar construir espaços de coerências, constituir totalidades” (MAINGUENEAU, 2006, p. 21). Maingueneau cita, ainda, como exemplo de estudo de um percurso, o caso da fórmula “purificação étnica”, analisada por Krieg-Planque (2003). A referida autora define fórmula como sendo:

(10) Um objeto descritível nas categorias da língua e cujo destino – ao mesmo tempo invasivo e continuamente questionado – no interior dos discursos é determinado pelas práticas languageiras e pelo estado das relações de opinião e de poder em um momento dado no seio do espaço público (KRIEG-PLANQUE, 2003, p. 14).

Krieg-Planque (2003) acrescenta quatro propriedades que, segundo ela, “determinam certas tomadas de posição no método de apreensão do objeto, tanto do ponto de vista da construção do *corpus*, quanto no que diz respeito às orientações metodológicas” (KRIEG-PLANQUE, 2003, p. 61). Não é meu objetivo, neste artigo, verificar se cada uma das propriedades apresentadas no texto de Krieg-Planque (2003) se aplica ao enunciado “Escola sem partido”. Por isso, aqui, o referido enunciado só pode ser definido como, no máximo, um candidato à fórmula. Contudo, os enunciados e o esboço de análise que apresentei anteriormente já indiciam o caráter polêmico da referida expressão. Assim, mesmo que não possa ser caracterizada como fórmula, no sentido de Krieg-Planque (2003), a expressão “Escola sem partido” pode ser, acredito, analisada com base na noção de percurso.

Em síntese, defendo que a expressão “Escola sem Partido” é um enunciado que possibilita analisar a existência de uma polêmica presente na sociedade brasileira. Nesse sentido, o estudo do percurso da referida expressão pode contribuir para uma melhor compreensão das relações sociais, bem como dos jogos de interesse e de poder subjacentes a essas relações.

Considerações finais

A Análise do Discurso permite estudar textos, verificando sua relação com questões que estão alhures. Neste artigo, mostrei dois exemplos de fenômenos enunciativo-discursivos que permitem entender melhor questões prementes da sociedade brasileira.

No caso da aforização “Bela, recatada e do lar”, verifiquei que tanto o próprio enunciado quanto as retomadas/reconfigurações de que foi objeto estão relacionados a um “já dito” e fazem emergir diferentes efeitos de sentido, como, por exemplo, o de que beleza e recato são atributos que não caminham juntos, o que se encontra materializado na citação da irmã de Marcela Temer, em que o uso do operador argumentativo “mas” indica a suposta oposição entre esses dois atributos; ou o de que “o lar” se opõe ao “bar”, como indica a contraposição pressuposta pela alusão subversiva à expressão “bela, recatada e do lar”, no enunciado “livre, respeitada e do bar”. Esses exemplos, bem como os demais analisados neste trabalho e que dizem respeito à primeira questão aqui abordada, indicam que o estudo do fenômeno da aforização pode contribuir para análises discursivas que focalizam a relação entre memória e atualidade.

Em relação à expressão “Escola sem partido”, vimos que, além de também materializar a relação entre memória e atualidade, esse enunciado pode ser analisado com base no conceito de percurso, conforme apresentado em Maingueneau (2006). Nessa perspectiva, uma das possibilidades de análise é verificar a relação parafrástica que se estabelece entre as expressões “Escola sem partido”, “Escola sem obscurantismo” e “Escola sem pensamento crítico”, de um lado; e “Escola sem partido” e “educação sem doutrinação”, de outro, o que aponta para a existência de alguns simulacros, que são, segundo Maingueneau (2005 [1984]), um dos indícios do funcionamento de uma polêmica discursiva. Nesse sentido, proponho que o estudo da polêmica entre os dois posicionamentos estruturados no interior desse espaço discursivo é uma das vias de análise das diferentes formas de “desestruturação-reestruturação” (PÊCHEUX, 2008 [1983], p. 56) das redes e trajetos que constituem os efeitos de sentido da expressão “Escola sem partido”.

Em síntese, as análises acima indicam que é possível recorrer à Análise do Discurso para tentar explicar questões acerca do funcionamento da sociedade. Contudo, assim como Pêcheux (2008 [1983]), defendo que

tais análises não devem ser feitas por um intérprete que “se coloca como um ponto absoluto, sem outro nem real” (PÊCHEUX, 2008 [1983], p. 57). E, para tanto, é preciso um esforço, tanto epistemológico quanto metodológico, daqueles que trabalham em Análise de Discurso para que, como adverte Maingueneau (2015), o discurso não seja reduzido “ao linguístico ou, inversamente, para não deixá-lo ser absorvido pelas realidades sociais ou psicológicas” (MAINGUENEAU, 2015, p. 31).

Notas

¹A noção de circulação com a qual trabalho relaciona-se ao conceito de comunicação, conforme proposto por Krieg-Planque (2001). Segundo a referida autora, a comunicação diz respeito a “um conjunto de saberes e habilidades relativos à antecipação de práticas de retomada, de transformação e de reformulação de enunciados e de seus conteúdos” (KRIEG-PLANQUE, 2001, p. 1). Essas práticas de retomada, transformação e circulação estão intimamente relacionadas, no meu entender, às formas por meio das quais os textos circulam (cf. SILVA, 2013).

²De acordo com Maingueneau (2005 [1984]), o campo discursivo é o conjunto de discursos que se encontra em “concorrência, delimitando-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo” (MAINGUENEAU, 2005 [1984], p. 35). Importante destacar, ainda, que o campo discursivo é um dos elementos da tríade proposta por Maingueneau (2005 [1984]) para explicar o funcionamento do interdiscurso. Além do campo, o autor define ainda o universo e o espaço discursivos (cf. MAINGUENEAU, 2005 [1984]).

³Esse dado leva-me a supor que *Veja* participou ativamente do golpe que depôs Dilma Rousseff da presidência do país e impôs a todos os brasileiros um presidente golpista e ilegítimo. Isso explica o fato de *Veja* publicar uma reportagem sobre a “quase primeira-dama”, mesmo antes de o referido golpe estar consumado. O enunciatador *Veja* mostra-se, assim, como uma espécie de propagador e antecipador do golpe.

⁴De acordo com Maingueneau (2004), “há subversão quando o texto que imita visa desqualificar o texto imitado. Nesse caso a estratégia adotada é a da paródia” (MAINGUENEAU, 2004, p. 173). No caso em tela, não se trata da subversão de um texto, mas de um enunciado.

⁵Segundo o próprio senador Magno Malta, ele solicitou o arquivamento do PL que tramitava no Senado Federal por razões estratégicas. Ainda segundo Malta, o relator do PL no Senado, senador Cristovam Buarque, iria “dar um relatório contra a nossa proposta de Escola Sem Partido. (...) E os senadores que votam conosco e pensam como nós estavam todos viajando. A nossa estratégia foi retirar o projeto para fortalecer o da Câmara”. Magno Malta espera que a proposta da Câmara avance e chegue ao Senado com força suficiente para ser aprovada. Na avaliação do senador, uma derrota, mesmo que parcial, enfraqueceria a causa (In: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-projeto-da-escola-sem-partido-foi-arquivado-no-congresso-sim-e-nao-043v1w08h811i4ubi9y868aob>. Consultado em 3 de junho de 2018)

⁶Segundo notícia publicada, no portal de notícias G1 no último dia 9 de maio de 2018, o referido PL foi debatido, no dia 8 de maio, por uma comissão especial da Câmara dos Deputados. Ainda de acordo com a referida notícia, “após a apresentação do relatório, a

comissão especial que analisa o tema vai discutir o parecer para, só depois, votá-lo na Câmara dos Deputados. Caso a lei seja de fato aprovada, ela entraria em vigor após dois anos” (In: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/projeto-de-lei-da-escola-sem-partido-avanca-na-camara-e-proibe-disciplinas-sobre-genero-e-orientacao-sexual.ghtml>.

Consultado em 3 de junho de 2018).

Referências

- Krieg-Planque, A. (2011).** Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados. Tradução: Luciana Salazar Salgado. In: *Linguasagem*. 16ª ed. <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem>. p. 1-14.
- Krieg-Planque, A. (2010).** *A Noção de Fórmula em Análise do Discurso: quadro Teórico e Metodológico*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Maingueneau, D. (2005 [1984]).** *Gênese dos discursos*. Tradução: Sírio Possenti. Curitiba/PR: Criar Edições
- Maingueneau, D. (2004).** Do provérbio à ironia: polifonia, captação e subversão. In: _____. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, p. 169-178
- Maingueneau, D. (2006).** Unidade tópicos e não-tópicos. Tradução: Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. In: *Cenas da enunciação*. Organização: Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva, Sírio Possenti. Curitiba/PR: Criar Edições, p. 9-24.
- Maingueneau, D. (2010).** Aforização – enunciados sem texto? Tradução: Ana Raquel Motta. In: *Doze conceitos em Análise do Discurso*. Organização: Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva, Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, p. 9-24.
- Maingueneau, D. (2014).** *Frases sem texto*. Tradução: Sírio Possenti (et. al.). São Paulo: Parábola Editorial.
- Maingueneau, D. (2015).** *Discurso e análise do discurso*. Tradução: Sírio Possenti. 1ª. ed. - São Paulo: Parábola Editorial.
- Pêcheux, M. (2008 [1983]).** *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni P. Orlandi. 5ª. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.
- Silva, E. G. (2013)** Aforização e Religião: circulação de enunciados na internet. In: *D.E.L.T.A.* n.º. 29: Especial. São Paulo: PUC/SP p. 423 - 441.

Nota biográfica

 A color photograph of Edvania Gomes da Silva, a woman with long dark hair, wearing a blue sleeveless top, smiling and sitting at a table with her arms crossed. There are flowers on the table in front of her. The background shows an indoor setting with other people and a patterned ceiling.	<p>Edvania Gomes da Silva é professora titular na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (CAPES) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (CAPES); membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis) e do Centro de Pesquisa FEsTA - Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atua na área de Linguística, área de concentração em Análise de Discurso.</p> <p>E-mail: edvaniagsilva@gmail.com</p>
---	---